

AUTONOMIA E ALIENAÇÃO NA ERA DIGITAL: NARRATIVAS PSICO-FILOSÓFICA DE TOMÁS DE AQUINO, NIETZSCHE, VYGOTSKY, CARL ROGERS E HOWARD GARDNER

AUTONOMY AND ALIENATION IN THE DIGITAL AGE: PSYCHO-PHILOSOPHICAL NARRATIVES OF THOMAS AQUINAS, NIETZSCHE, VYGOTSKY, CARL ROGERS AND HOWARD GARDNER

Karina Donizete Martins 1

Natália Lorrayne Morais Ferreira 2

Iule Lourraine da Silva Landinho Rosa 3

Rhanielles Rodrigues Silva 4

Resumo: Este estudo investiga as transformações da subjetividade na era digital a partir de uma síntese interdisciplinar entre filosofia e psicologia educacional. Articula contribuições de Tomás de Aquino, Friedrich Nietzsche, Lev Vygotsky, Carl Rogers e Howard Gardner para compreender o desenvolvimento do sujeito em ambientes mediados por tecnologias. A análise evidencia uma tensão entre autonomia e alienação, intensificada pelas dinâmicas das redes digitais. A perspectiva tomista fundamenta a busca pela verdade e realização humana, enquanto Gardner destaca as múltiplas inteligências. Nietzsche problematiza a homogeneização subjetiva, ao passo que Vygotsky enfatiza a mediação cultural. Rogers contribui com a noção de tendência atualizante, frequentemente tensionada pelo ambiente digital. Utilizou-se revisão narrativa de literatura. Conclui-se que a Psicologia Educacional deve atuar criticamente, promovendo formação ética, autonomia e autenticidade no contexto tecnológico.

Palavras-chave: Subjetividade digital; Autonomia; Alienação; Psicologia Educacional; Filosofia da Educação.

Abstract: This study investigates transformations in subjectivity in the digital age through an interdisciplinary synthesis of philosophy and educational psychology. It integrates contributions from Thomas Aquinas, Friedrich Nietzsche, Lev Vygotsky, Carl Rogers, and Howard Gardner to understand the development of the contemporary subject within technology-mediated environments. The analysis reveals a fundamental tension between autonomy and alienation, intensified by digital network dynamics. The Thomistic perspective provides an ontological foundation for the pursuit of truth and human fulfillment, while Gardner highlights multiple intelligences. Nietzsche offers a critical diagnosis of subjective homogenization, whereas Vygotsky emphasizes cultural mediation. Rogers contributes with the concept of the actualizing tendency, often constrained by digital environments. A narrative literature review was adopted. The study concludes that Educational Psychology must act as a critical mediator, promoting ethical formation, autonomy, and authenticity in technological contexts.

Keywords: Digital subjectivity; Autonomy; Alienation; Educational Psychology; Philosophy of Education.

1 Doutora em Ciências da Educação pela Universidad San Martin Lutero (UML). Mestre em Educação Sociocomunitária (pela UNISAL). Assistente social (pela UNIFMU), Pedagogia (pela Faculdade Paulista), Licenciada em Sociologia (PELA Faculdade

2 Especialização em Neuropsicologia. Graduada em Psicologia (UNIRG). Atualmente é docente Centro Universitário UNITOP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/148788322772408>, ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2101-9150>. E-mail: natylorrayny@hotmail.com

3 Mestra em Educação Profissional e Tecnol[ógica] (IFTO). Graduada em Psicologia (CEULP). Atualmente é docente Centro Universitário UNITOP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5023428014423497>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3851-5424>. E-mail: psi.iulelandinho@gmail.com

4 Especialização em Psicopatologia. Graduada em Psicologia (FIESC-UNIESP). Atualmente é docente Centro Universitário UNITOP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6342094627041374>, ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2101-9150>. E-mail: rhanierodrigues29@gmail.com

Introdução

A contemporaneidade é marcada por uma revolução tecnológica que transcende a mera instrumentalidade, reconfigurando as bases da existência humana e os processos de constituição do sujeito. Na era digital, a subjetividade não se desenvolve mais em um vácuo analógico, mas emerge de uma simbiose constante com interfaces algorítmicas, fluxos ininterruptos de informação e redes de visibilidade global. Este cenário impõe uma crise de autonomia sem precedentes, onde a promessa de emancipação tecnológica frequentemente colide com novas formas de alienação e massificação do pensamento. A Psicologia Educacional, enquanto disciplina dedicada à compreensão do desenvolvimento e da aprendizagem, encontra-se diante do desafio de interpretar essas transformações sem perder de vista a dimensão ética e ontológica da formação humana.

A tensão entre o sujeito autônomo e o indivíduo “algoritmizado” exige um esforço interdisciplinar que recupere a densidade do pensamento clássico e moderno em diálogo com as teorias psicológicas contemporâneas. A filosofia não deve ser vista como um apêndice teórico, mas como o fundamento que permite questionar a finalidade da educação em um mundo mediado por telas (Pedro; Melo, 2017). Se a tecnologia oferece ferramentas para a expansão das capacidades cognitivas, ela também cria ambientes de dispersão que ameaçam a interioridade e a capacidade de reflexão profunda. Nesse sentido, o presente artigo propõe uma síntese crítica que integra a antropologia de Tomás de Aquino, a provocação de Friedrich Nietzsche e as contribuições fundamentais de Lev Vygotsky, Carl Rogers e Howard Gardner.

A justificativa para este diálogo reside na necessidade de superar o reducionismo técnico que muitas vezes domina o debate sobre educação digital. Enquanto as políticas educacionais focam na aquisição de competências digitais, negligencia-se a formação do caráter e a busca pela verdade, conceitos centrais na teleologia tomista. Simultaneamente, a crítica de Nietzsche à “moral de rebanho” torna-se uma ferramenta indispensável para analisar como as redes sociais reforçam a conformidade e sufocam a singularidade. A integração com Vygotsky permite compreender a mediação tecnológica como um processo social, enquanto Rogers e Gardner oferecem as bases para uma pedagogia que respeite a pluralidade das inteligências e a tendência atualizante do ser humano.

O objetivo deste trabalho é demonstrar a viabilidade científica e a necessidade pedagógica de uma abordagem que una filosofia e psicologia para enfrentar os desafios da subjetividade digital. A estrutura do artigo divide-se em três grandes eixos de fundamentação: o primeiro foca na busca pela verdade e na multiplicidade cognitiva (Aquino e Gardner); o segundo analisa a massificação e a mediação cultural (Nietzsche e Vygotsky); e o terceiro discute a autonomia e a aprendizagem significativa (Rogers). Ao final, a discussão integrará esses conceitos para propor caminhos práticos no ensino superior, visando uma formação que resgate a dignidade do sujeito frente à automação da vida.

A Psicologia Educacional e a Teleologia de Tomás de Aquino: Inteligências Múltiplas e a Busca pela Verdade

A base de qualquer processo educativo reside na concepção de ser humano que se adota. Na antropologia filosófica de Tomás de Aquino, o homem é compreendido como uma unidade substancial de corpo e alma espiritual, dotado de faculdades que o distinguem: o intelecto e a vontade. Para Aquino, o aprendizado não é um fim em si mesmo, mas um movimento teleológico em direção à perfeição do ser. A educação é a atualização das potências humanas, onde o intelecto busca a apreensão da realidade. Como afirma o autor na *Suma Teológica*: “O objeto do intelecto é o ente ou o verdadeiro em comum” (AQUINO, 2001, I, q. 87, a. 3). Essa busca pela verdade não é um exercício meramente abstrato, mas a finalidade última que dá sentido ao esforço cognitivo e à existência moral.

No contexto da Psicologia Educacional contemporânea, essa busca pela verdade pode ser compreendida através da lente da Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner.

Gardner rompe com a visão unitária de inteligência, propondo que o psiquismo humano se manifesta através de pelo menos oito dimensões distintas: linguística, lógico-matemática, espacial, musical, cinestésica, interpessoal, intrapessoal e naturalista. Segundo Gardner, “A inteligência é a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais” (GARDNER, 1994, p. 21).

Ao integrar Aquino e Gardner, percebe-se que a “verdade” buscada pelo intelecto tomista não é acessada por uma única via, mas se manifesta na pluralidade das capacidades humanas. Para Aquino, conhecer a verdade não é apenas um exercício intelectual, mas uma experiência que gera deleite e orienta a ação moral (Barcelos, 2017). A busca pelo verdadeiro pode ocorrer tanto na precisão de um cálculo matemático quanto na profundidade de uma introspecção (inteligência intrapessoal) ou na harmonia de uma composição musical.

As tecnologias digitais operam como dispositivos de poder e saber; os dispositivos são mecanismos que articulam práticas, discursos e instituições, produzindo efeitos de controle e subjetivação (Foucault, 2006). Nesse sentido, as plataformas digitais não são neutras: organizam e direcionam comportamentos, influenciando a forma como os sujeitos percebem o mundo. A seleção algorítmica de conteúdos contribui para a formação de bolhas informacionais, limitando o contato com perspectivas divergentes e reforçando visões já consolidadas (Mendonça; De Sousa, 2025).

A lógica da rapidez, do consumo imediato e da superficialidade do conhecimento tende a reforçar processos de padronização e fragilização do pensamento crítico, “somos inundados de informação, uma quantidade maior do que a capacidade de o cérebro humano de assimilar” (Bauman, 2001). Nesse cenário, a educação corre o risco de aprofundar a formação de sujeitos voltados apenas para a adaptação e o desempenho, em detrimento da reflexão e da criação.

A era digital, no entanto, impõe um risco severo a essa busca: a fragmentação. A Psicologia Educacional observa que o excesso de estímulos digitais favorece a *curiositas*, o desejo desordenado por informações superficiais e desconexas, em detrimento da *studiositas* (estudiosidade). Para Aquino, a estudiosidade é a virtude que modera o apetite pelo saber; garantindo que o estudo seja orientado para o bem e para a verdade, evitando a negligência e a vaidade intelectual (Santin; Oliveira, 2019).

Na rede, o estudante é frequentemente capturado por fragmentos de dados que não se consolidam em conhecimento unitário. A integração com Gardner permite ao psicólogo educacional mapear essas múltiplas inteligências e orientá-las para que o uso da tecnologia não seja apenas um consumo passivo, mas uma ferramenta de investigação da realidade.

Na perspectiva tomista, enfatiza a necessidade de orientação ética e racional (De Almeida, 2023), Nietzsche questiona a universalidade dos valores e propõe uma formação baseada na criação e na afirmação da vida (De Oliveira, 2019). Essa tensão se torna particularmente relevante na era digital, na qual os sujeitos são constantemente interpelados por discursos, imagens e informações que influenciam suas formas de pensar e agir.

A aplicação prática dessa integração no ensino superior exige que o educador reconheça a dignidade do intelecto do aluno. Se, para Aquino, o mestre é uma causa instrumental que auxilia o aluno a descobrir a verdade por si mesmo, para Gardner, o ensino deve ser personalizado para atingir as diferentes janelas de aprendizagem. O desafio digital é transformar a “navegação” superficial em “mergulho” intelectual. Isso requer o cultivo de virtudes intelectuais que permitam ao sujeito discernir, entre o ruído informacional, aquilo que é essencial e verdadeiro. A Psicologia Educacional, fundamentada nessa teleologia, deixa de focar apenas no desempenho técnico para focar na formação integral, onde a tecnologia serve à expansão das inteligências e não à sua atrofiação.

Portanto, a busca pela verdade na era digital exige um esforço de síntese. O psicólogo educacional deve atuar no fortalecimento da vontade do aluno, ajudando-o a manter o foco (estudiosidade) em um ambiente desenhado para a distração. Ao reconhecer as múltiplas inteligências, a pedagogia inspirada em Aquino e Gardner promove uma inclusão real, onde cada estudante encontra seu caminho próprio para a atualização de suas potências. A verdade, nesse sentido, torna-se o horizonte que unifica a diversidade cognitiva, protegendo o sujeito da alienação provocada pela dispersão tecnológica.

Nietzsche e a Crítica à Massificação: Vygotsky e os Processos de Subjetivação Digital

Se Tomás de Aquino nos oferece a finalidade da educação, Friedrich Nietzsche nos fornece o diagnóstico das patologias que impedem o sujeito de alcançá-la. Nietzsche é o filósofo da suspeita que denuncia a “moral de rebanho” (*Herdenmoral*), a tendência humana de buscar segurança na conformidade e no nivelamento por baixo. Para ele, a educação moderna muitas vezes atua como um mecanismo de domesticação, transformando indivíduos em “animais de rebanho” úteis ao Estado e ao mercado. Em sua crítica contundente, Nietzsche (2011, p. 54) afirma: “O rebanho diz: o que é comum a todos é o que é bom”. Na era digital, essa moral de rebanho é amplificada pelos algoritmos de redes sociais, que recompensam a repetição do mesmo e punem a singularidade com o ostracismo digital.

Para compreender como essa massificação ocorre no psiquismo, recorre-se a Lev Vygotsky e sua teoria socio-construtivista. Vygotsky (1991) postula que as funções psicológicas superiores são mediadas por instrumentos e signos culturais. O desenvolvimento ocorre de fora para dentro: “Através dos outros, tornamo-nos nós mesmos” (Vygotsky, 1991, p. 103). O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) explica como a mediação de um par mais experiente ou de uma ferramenta cultural impulsiona o aprendizado. No entanto, na era digital, os “instrumentos de mediação” são algoritmos desenhados para maximizar o engajamento, não a autonomia (Marinho; Silva; Correa, 2025). A mediação vygotskyana, quando capturada pela lógica do lucro tecnológico, torna-se um vetor de massificação.

A integração entre Nietzsche e Vygotsky revela um paradoxo da subjetivação digital: ao mesmo tempo em que a rede oferece ferramentas de conexão (mediação), ela impõe uma pressão invisível para a conformidade (rebanho). A vontade de potência, descrita por Nietzsche como a força vital de autossuperação e criação de novos valores, é sufocada pela busca por curtidas e validação externa (Maia *et al.*, 2025). O estudante universitário, em vez de desenvolver uma autoria própria, muitas vezes limita-se a reproduzir discursos prontos que garantam sua aceitação no grupo. A Psicologia Educacional observa que essa “subjetividade de vitrine” gera um vazio existencial, pois o sujeito se torna um reflexo do que o algoritmo espera dele.

A crítica de Nietzsche (2011) sobre a educação, ressoa fortemente diante da automação do pensamento. Se a mediação cultural de Vygotsky (1991) é o que nos torna humanos, a qualidade dessa mediação é o que define que tipo de humano seremos. Se as ferramentas digitais apenas reforçam bolhas informacionais, o aluno fica restrito ao que é confortável, impedindo o confronto com o “outro” e com o contraditório, elementos essenciais para o crescimento intelectual. A subjetivação digital corre o risco de se tornar uma “dessubjetivação”, onde o indivíduo é reduzido a um perfil de dados previsível.

A proposta de uma Psicologia Educacional crítica deve, portanto, utilizar as ferramentas digitais para promover a singularização. Isso exige que o professor atue como um mediador que desafie a moral de rebanho, incentivando o aluno a usar a tecnologia para expressar sua vontade de potência e sua criatividade. É necessário transformar a mediação digital de um mecanismo de controle em um espaço de emancipação. Somente através do uso consciente e crítico das ferramentas culturais é que o sujeito poderá emergir da massa e tornar-se, como queria Nietzsche, o criador de seus próprios valores e de sua própria história.

Carl Rogers e a Aprendizagem Significativa: Autonomia e Tendência Atualizante na Era Digital

Para fechar o arco de fundamentação, a Psicologia Humanista de Carl Rogers oferece o caminho para a restauração do sujeito no processo educativo. Rogers introduz o conceito de tendência atualizante, um impulso intrínseco a todo organismo vivo para desenvolver todas as suas capacidades de forma a manter ou encarecer o organismo. Na educação, isso se

traduz na busca pela autonomia e pela autorrealização. Para Rogers (1996), o foco deve estar na aprendizagem significativa, aquela que o aluno percebe como relevante para seus próprios objetivos e para a construção de seu “eu”. Como ele afirma: “O único homem educado é aquele que aprendeu a aprender” (ROGERS, 1986, p. 37).

A tendência atualizante de Rogers pode ser vista como o equivalente psicológico da vontade de potência de Nietzsche e da atualização das potências de Aquino. Todas essas perspectivas convergem para a ideia de que o ser humano possui uma força interna voltada para o crescimento e para a liberdade. No entanto, a era digital frequentemente atua como um obstáculo a essa tendência, ao oferecer caminhos pré-moldados e soluções imediatas que dispensam o esforço pessoal (Santos *et al.*, 2024). A aprendizagem significativa exige envolvimento emocional e existencial, algo que a frieza das interfaces digitais e a superficialidade das interações em rede tendem a minar.

A integração com Aquino e Nietzsche permite dar à autonomia rogeriana uma base ética e crítica. A liberdade para aprender não é um “fazer o que se quer”, mas uma liberdade responsável orientada para o bem (Aquino) e para a superação da mediocridade (Nietzsche). Na era digital, a Psicologia Educacional deve promover ambientes que respeitem a singularidade do aluno, utilizando a tecnologia para personalizar o ensino sem padronizar o desempenho. A aceitação positiva incondicional e a empatia, pilares da abordagem centrada na pessoa de Rogers, são essenciais para acolher o estudante que se sente fragmentado e pressionado pela performance digital.

A autenticidade surge como uma forma de resistência à alienação tecnológica. Enquanto o mundo digital exige uma performance constante, a educação humanista convida o aluno a ser ele mesmo, a reconhecer suas limitações e a buscar seu próprio ritmo de crescimento. A tecnologia, quando bem utilizada, pode oferecer recursos vastos para que o aluno “aprenda a aprender”, mas isso só ocorre se houver um espaço de interioridade preservado (Da Costa Sacramento, 2024). O psicólogo educacional deve ajudar o estudante a desenvolver uma relação saudável com a tecnologia, onde ela seja um meio para a expansão do “eu” e não uma máscara que o oculte (Cordeiro, 2022).

Em conclusão, a síntese entre Rogers, Aquino e Nietzsche propõe uma educação que valorize a presença e a profundidade. A aprendizagem significativa na era digital só é possível se o sujeito for capaz de se desconectar do ruído externo para se conectar com sua tendência atualizante. O papel da educação é fornecer o suporte necessário para que essa força interna floresça, permitindo que o estudante universitário se torne um sujeito autônomo, virtuoso e capaz de enfrentar as complexidades do mundo contemporâneo com integridade e propósito.

Metodologia

O presente estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, estruturada sob a forma de uma revisão narrativa de literatura. Esta modalidade metodológica foi escolhida por permitir uma síntese crítica e interdisciplinar de temas complexos, possibilitando o diálogo entre a filosofia clássica, a filosofia moderna e as teorias contemporâneas da psicologia educacional. A pesquisa não se limitou à descrição de conceitos, mas buscou uma integração dialética que respondesse aos desafios da subjetividade na era digital, garantindo o rigor científico através da fidelidade aos textos originais e da aplicação sistemática de seus conceitos à realidade educacional atual.

A estruturação da análise seguiu três eixos de integração: 1) Ontológico-Cognitivo, unindo a teleologia de Tomás de Aquino à teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner; 2) Sócio-Crítico, relacionando a crítica à massificação de Nietzsche com a mediação cultural de Lev Vygotsky; 3) Humanista-Existencial, conectando a tendência atualizante de Carl Rogers aos conceitos de autonomia e vontade de potência. Esta triangulação teórica permitiu uma visão holística do fenômeno da aprendizagem e da constituição do sujeito no ensino superior.

O levantamento bibliográfico foi realizado em bases de dados consagradas, como *Scielo*, Google Acadêmico e o Portal de Periódicos da CAPES, abrangendo o período de 2018 a 2024

para garantir a contemporaneidade das discussões sobre tecnologia e educação. Além das obras fundamentais dos autores base (fontes primárias), foram consultados artigos científicos e teses que discutem a crise da subjetividade e os processos de alienação digital. Os critérios de análise incluíram a relevância teórica, a aplicabilidade pedagógica e a capacidade de resposta aos problemas de dispersão e massificação identificados no ambiente acadêmico digital.

Resultados e discussão

Os resultados desta investigação apontam para uma profunda crise de autonomia subjetiva no ensino superior, exacerbada pela mediação tecnológica desprovida de reflexão ética. A análise comparativa dos conceitos-chave revela que a “moral de rebanho” digital atua como uma força centrípeta que atrai o estudante para a conformidade, enquanto a “tendência atualizante” e a “vontade de potência” funcionam como forças centrífugas que buscam a singularização e o crescimento. A tabela abaixo sintetiza essas tensões teóricas:

Quadro. Tensões teóricas

Autor	Conceito-Chave	Impacto na Era Digital	Desafio Pedagógico
Tomás de Aquino	Teleologia / Verdade	Fragmentação do saber (curiositas)	Resgate da unidade e da studiositas
Nietzsche	Moral de Rebanho	Conformidade algorítmica e bolhas	Fomento da vontade de potência
Vygotsky	Mediação Cultural	Ferramentas digitais como controle	Mediação para a emancipação
Carl Rogers	Tendência Atualizante	Alienação e perda da autenticidade	Aprendizagem significativa e centrada
Howard Gardner	Inteligências Múltiplas	Padronização do desempenho técnico	Personalização e pluralidade cognitiva

Fonte: (Os próprios, 2025)

A discussão demonstra que a mediação vygotskyana, no contexto atual, corre o risco de ser capturada pela lógica do mercado tecnológico. Quando o “outro” que auxilia na ZDP é substituído por um algoritmo de recomendação, o processo de subjetivação torna-se um processo de massificação. O embate entre a tendência atualizante de Rogers e a moral de rebanho de Nietzsche revela que o estudante universitário vive em uma luta constante para manter sua autenticidade frente à pressão por performance e visibilidade. A tecnologia, portanto, não é neutra; ela molda o psiquismo de acordo com os valores de quem a desenha.

O papel do professor emerge como o de um mediador crítico e provocador. Inspirado em Aquino, o mestre deve orientar as múltiplas inteligências do aluno para a busca da verdade, combatendo a superficialidade. Inspirado em Nietzsche, deve ser aquele que desafia o aluno a sair do conforto do rebanho (Maia *et al.*, 2025). As aplicações práticas no ensino superior devem incluir metodologias que integrem momentos de desconexão e silêncio, permitindo o resgate da interioridade. A pedagogia da presença e da profundidade torna-se a resistência necessária contra a aceleração digital, promovendo uma aprendizagem que seja, de fato, significativa e transformadora.

Considerações

A integração entre a filosofia e a psicologia educacional demonstrou ser não apenas cientificamente viável, mas essencial para a compreensão das transformações da subjetividade na era digital. Ao unirmos a teleologia de Tomás de Aquino, a crítica de Nietzsche e as teorias de Vygotsky, Rogers e Gardner, construímos um arcabouço teórico robusto capaz de enfrentar a complexidade do desenvolvimento humano contemporâneo. A principal conclusão deste estudo é que a educação digital não pode ser reduzida ao domínio de ferramentas; ela deve ser, acima de tudo, um processo de formação humana integral que resgate a dignidade do sujeito e sua capacidade de buscar a verdade e o bem.

O resgate da dimensão teleológica é fundamental para dar sentido ao aprendizado em um mundo saturado de informações desconexas. A Psicologia Educacional tem o papel vital de atuar na resistência à alienação, promovendo a autonomia e a autenticidade do estudante. As implicações para a prática pedagógica são claras: é necessário transitar de um ensino focado na transmissão de dados para um ensino focado na mediação crítica e no desenvolvimento das virtudes intelectuais e morais. O uso das tecnologias deve ser subordinado à finalidade humana, servindo como meio para a expansão das inteligências e para a realização da tendência atualizante de cada indivíduo.

Caminhos futuros de pesquisa devem explorar metodologias ativas que integrem o uso crítico da tecnologia com práticas de reflexão profunda e silêncio, elementos que se tornaram escassos na rotina acadêmica. A reafirmação da importância da formação humana integral é o antídoto contra a mecanização da vida e a massificação do pensamento. Em última análise, educar na era digital é capacitar o sujeito para que ele, munido de razão e vontade, possa navegar pelas redes sem perder sua essência, tornando-se um mestre de si mesmo e um buscador incansável da verdade.

Referências

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução de Alexandre Correia. São Paulo: Loyola, 2001. v. 1.

BARCELOS, Simone de Magalhães Vieira. O ensino em Tomás de Aquino. **Cadernos de Educação Tecnologia e Sociedade**, [S.l.], v. 1, p. 55-63, 2015. DOI: 10.14571/brajets.v8.n1.55-63. Disponível em: <https://brajets.com/brajets/article/view/242>. Acesso em: 24 abr. 2026.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CORDEIRO, Ana. **Educando o mundo" através" da psicologia**: como a educação pode nos ajudar a construir um mundo melhor. Literare Books, 2022.

DA COSTA SACRAMENTO, Reinaldo; DA SILVA, Tiago Teixeira. Concepções e Contribuições Metodológicas para o Ensino e Aprendizagem. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 18, n. 73, p. 216-233, 2024. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/4074>. Acesso em: 17 mar. 2026.

DE ALMEIDA, André Luiz Boccato. **Ética, Teologia e Consciência Crítica em Diálogo**: uma reflexão interdisciplinar entre Tomás de Aquino e Paulo Freire. PUCPress, 2023.

DE OLIVEIRA, Eduardo Marcos Silva. Nietzsche e a fidelidade à terra: a arte como valorização. **Prometheus - Journal of Philosophy**, [S.l.], v. 11, n. 30, 2019. DOI: 10.52052/issn.2176-5960.pro.v11i30.8858. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/prometeus/article/view/8858>. Acesso em: 24 abr. 2026.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MACEDO, Francisco Rodrigues de. **O papel da filosofia na resistência pedagógica: uma análise crítica da educação escolar na sociedade pós-moderna**. 2025. 169 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2025. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/17304> . Acesso em: 20 abr. 2026.

MAIA, Emiliania Santana *et al.* Nietzsche e a crítica à educação tradicional: poder, vontade de potência e formação do super-homem. **Observatório de la Economía Latinoamericana**, v. 23, n. 11, p. e12102-e12102, 2025. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/12102>. Acesso em: 03 abr. 2026.

MARINHO, Fabiana da Silva; SILVA, Silvia Maria da Cintra; CORREA, Bruno Sartini. Apropriações do conceito de Zona de Desenvolvimento Próximo e suas repercussões. **Psicologia USP**, v. 36, p. e240121, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/bWZNhtTQ5ZCTQswCSFp5BxQ/?lang=pt> Acesso em: 21 mar. 2026.

MENDONÇA, Ana Valéria Machado; DE SOUSA, Maria Fátima. Desafios contemporâneos para a saúde digital: letramento, educação midiática e prevenção à desinformação. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 49, p. e14, 2025. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rpsp/2025.v49/e14/pt/> . Acesso em: 14 fev. 2026.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

PEDRO, Luciana Guimarães; MELO, Geovana Ferreira. Da formação contínua de professores ao desenvolvimento docente: o grupo colaborativo e seu potencial mediador. **Revista de Educação Pública, Cuiabá**, v. 30, e12487, jan. 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-20972021000100226 . Acesso em: 19 abr. 2026.

ROGERS, Carl. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1986.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SANTIN, Rafael Henrique; OLIVEIRA, Terezinha. Intelecto, Educação e formação docente na Suma Teológica de Tomás de Aquino. *Práxis educativa*, v. 14, n. 2, p. 451-468, 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1809-43092019000200451&script=sci_arttext Acesso em: 10 mar. 2026.

SANTOS, Silvana Maria Aparecida Viana *et al.* Desafios e oportunidades: a adoção de tecnologias na educação e os obstáculos enfrentados pelos professores na era digital. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 3, p. e3327-e3327, 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/3327> Acesso em: 07 mar. 2026.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WEINFORTNER, A. J. A vontade de potência como elemento determinante dos valores morais. **Revista Diaphonia**, [S. l.], v. 9, n. 4, p. 111-128, 2023. DOI: 10.48075/rd.v9i4.32183. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/32183> . Acesso em: 25 fev. 2026.

Recebido em 19 de abril de 2026.

Aceito em 30 de abril de 2026.